

(Atribuição do título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade do Porto ao Dr. José Manuel Constantino. Elogio do doutorando)

Magnífico Reitor

Sr. Ministro da Educação

Senhor Director da Faculdade de Desporto

Autoridades académicas, desportivas, civis e militares

Ilustres convidados. Permitam-me uma saudação muito particular aos colegas das IES dos Países de Língua Portuguesa aqui presentes

Caros colegas, estudantes e funcionários.

Senhoras e senhores

Sr. Professor Jorge Bento

Sr. Dr. José Manuel Constantino

A Faculdade de Desporto da Universidade do Porto está a celebrar os seus 40 anos. O que nos dá o pretexto para esta homenagem.

Este é o sétimo título de Doutor Honoris atribuído pela Universidade por proposta da Faculdade de Desporto. Anteriormente quisemos homenagear personalidades cimeiras do desporto mundial e universitários que se distinguiram na sua actividade académica e científica. A atribuição do título de *doutor honoris causa* ao Dr. José Manuel Constantino sinaliza a importância que teve a abertura ao mundo do desporto no esforço de edificação da nossa Faculdade. Mas pretende, sobretudo, reconhecer os méritos de alguém que tem dado um contributo maior para o desenvolvimento do desporto no nosso país e para aproximar o desporto da universidade e a universidade do desporto.

É grande o privilégio que me é concedido - falar de alguém que muito considero, que nos habituámos a ouvir e a ler com atenção, e que é, sob múltiplos pontos de vista, um estímulo para todos nós.

Habitúamo-nos a reconhecer no Dr. José Manuel Constantino o rigor do pensamento, a objectividade da palavra, a grande capacidade de trabalho, os dotes organizativos. E a tê-lo por pessoa séria e exigente. Poderia, por isso, no elogio dos seus méritos, enfatizar diferentes traços da sua personalidade e destacar múltiplas dimensões da sua actividade.

Poderia falar da pessoa que conheço há muitos anos e com a qual estabeleci uma relação de grande estima e admiração. Não o farei. Gostaria, apenas, de salientar a coragem com que vem exercendo funções de tão elevada responsabilidade na presidência do Comité Olímpico de Portugal num momento de adversidade.

Poderia falar do político: das responsabilidades que assumiu como Presidente do Instituto do Desporto de Portugal na coordenação das políticas desportivas no nosso país, ou da sua destacada actividade no município de Oeiras.

No Instituto do Desporto empreendeu, com sucesso, uma profunda reforma visando tornar mais eficiente uma máquina pesada, centralizada e burocrática. E desenvolveu, num documento bem estruturado, as ideias de um projecto a 10 anos para o Desporto. Principal mentor das políticas do governo para o desporto, envolveu neste debate sectores destacados da sociedade. Pessoas e instituições qualificadas do país, entre as quais as universidades, eram chamadas finalmente a dar o seu contributo para o desenvolvimento do desporto. Como há muito reclamavam.

E pode dizer-se, sem excesso, que o desporto nas autarquias do país deve uma boa parte da sua situação actual ao município de Oeiras e ao Dr. José Manuel Constantino. O município de Oeiras foi um autêntico laboratório das políticas ensaiadas por esse país fora - no associativismo desportivo, nas relações com a escola, na promoção de um desporto para a saúde, nos programas de actividade física para a terceira idade, na gestão dos equipamentos desportivos.

Poderia falar do seu exercício em outras missões de serviço público: como Presidente da Confederação do Desporto de Portugal, ou, mais recentemente, como Presidente do Comité Olímpico de Portugal, num período em que um país de língua portuguesa

assumiu pela primeira vez - e fê-lo muito bem - a grande responsabilidade de organização dos Jogos Olímpicos.

Na sua passagem pela Confederação do Desporto fez sentir em pouco tempo a sua ação: nas reformas que introduziu, nas iniciativas que tomou para contrariar a inércia e o atavismo daqueles que no desporto sempre estiveram contra a mudança. Num exercício de profundo desgaste, assumindo em circunstâncias difíceis e de forma corajosa a defesa do desporto. Contra os poderes instituídos, contra os interesses de grupos.

Assume agora, na liderança do Comité Olímpico de Portugal, um desafio não menos importante. Como disse no seu discurso de tomada de posse, em Abril de 2013: *“O Comité Olímpico é uma instituição de referência. Mas nada o impede de ser uma instituição de irreverência. De ousadia. De insatisfação. De inquietude. Uma instituição capaz de traçar novas estratégias, novas leituras da realidade, de impedir a cristalização das ideias, de ser capaz de evitar uma gestão cinzenta do quotidiano, de viver aniquilado pela crise e pelo pós-crise. Uma instituição que não pode viver enclausurada num Olimpo inacessível à sociedade e a todos os que gostam do desporto”*.

Poderia falar do profissional de Educação Física e Desporto: dos primeiros anos como professor do Ensino Básico ou, em anos mais recentes, da sua actividade como professor universitário; do seu envolvimento no movimento federativo; da sua acção decisiva na revista *“Horizonte - Revista de Educação Física e Desporto”*, um projeto singular e mobilizador - pela época em que surgiu, pelas condições em que foi feito, e pelo reconhecimento que teve em toda a classe profissional.

Poderia falar do ensaísta e do seu pensamento sobre o desporto. A que deu pública expressão em dezenas de livros e em centenas de intervenções públicas no país e no estrangeiro.

O Dr. José Manuel Constantino é já uma referência do pensamento sobre o desporto no nosso país, onde é reconhecido há muitos anos como uma das vozes mais lúcidas. Ao longo de mais de duas décadas tem-nos proposto um vasto conjunto de ensaios

sobre o desporto, as suas práticas e os seus contextos. Propostas que encontram, ainda, coerência na sua doutrina sobre políticas desportivas. Em reflexões esclarecidas e atuais, fundadas no estudo e numa já vasta experiência de ligação ao desporto, cujas motivações e sentidos na sociedade global em que vivemos tem questionado. Em defesa de um desporto centrado na pessoa humana.

Nascido com a revolução industrial, o desporto moderno integrou a cultura daquela num mimetismo que ganhou expressão nas formas de organização do treino, no valor da competição, na superação do rendimento, no desenvolvimento científico e tecnológico.

Mas a competição, essência do próprio desporto, está a pôr o desporto à prova. A subversão dos preceitos e o abastardamento das regras têm vindo a diminuir a importância de outros valores que associamos ao desporto, como a cooperação e a solidariedade humanas, condição da própria vida em sociedade. Retirando, desta forma, importantes mais valias ao desporto como projecto educativo e social.

Que papel poderá, ainda, ter o desporto como desígnio redentor do Homem nas sociedades contemporâneas?

Muito se tem diabolizado a globalização, também erigida por outros em remédio para todos os males do mundo. O fim dos impérios coloniais e o termo da guerra fria alteraram geoestratégias, refizeram alianças, viram nascer novos poderes políticos e económicos e consentiram, até ao limite, o livre arbítrio dos mercados. Numa competição desenfreada, desregulada, à margem da democracia, a que não está imune o desporto. Faz, por isso, todo o sentido questionar esta competição, este desporto, esta globalização.

É justamente isto que procura fazer o Dr. José Manuel Constantino em duas das suas obras mais recentes - *“Os valores Educativos do Desporto. Representações e Realidades”* e *“O espetáculo desportivo no mercado global. A internacionalização Económica do Desporto”*. Nelas dá pública expressão a algumas das suas inquietações, deixando-nos questões pertinentes e reflexões estimulantes. Como quando diz, que o desporto precisa de ser defendido (dos seus opositores e dos desvios menos compatíveis com as finalidades que lhe atribuímos), mas não está

acima da crítica. Pelo contrário. A sua defesa obriga-nos a todos e, em primeiro lugar àqueles que dele gostam, a uma crítica sem reservas dos descaminhos para que foi levado. Ora, a revalorização do seu sentido humanista reclama uma maior participação da cultura no debate sobre os sentidos e os rumos do desporto. Não, como diz JMC ⁽¹⁾ “... porque da cultura se possam esperar todas as respostas. Mas porque é na formação cultural que podemos encontrar o modo de formular as perguntas necessárias e dotar as pessoas dos meios para encontrar as respostas que os tempos de incerteza exigem”.

Que validade têm, ainda, hoje os princípios que associamos ao projecto educativo e social que resultou da criação do desporto moderno? Uma pedagogia do esforço, na valorização do trabalho persistente, disciplinado, em equipa, para superar dificuldades e chegar a objectivos elevados. Uma cultura da exigência e da avaliação, que encontra na competição o seu momento de eleição.

Serão as características agónicas do desporto, a promoção do confronto e a aceitação dos antagonismos no respeito por preceitos e regras - parte essencial da filosofia educativa que associamos ao desporto -, ainda referências aceitáveis num momento em que largos sectores da sociedade clamam por mais igualdade e menos injustiça, mais integração e menos exclusão, mais solidariedade e menos competição? Diz-nos JMC⁽¹⁾: “... é indispensável acolher no seio das práticas desportivas valores civilizacionalmente aceites em qualquer situação de vida em sociedade: o exercício das liberdades, o respeito pelos outros, a tolerância nas relações humanas, o acatamento da regra, a afirmação do primado do direito sobre o arbítrio. O desporto não precisa de se pôr a inventar uma ética. Basta que integre e preserve o que são os valores civilizacionalmente aceites como válidos”. E conclui ⁽¹⁾: “Neste sentido, o desporto mais do que um objectivo, é um pretexto ou um meio. À inquietação moral. À exigência ética. Ao aperfeiçoamento humano”.

Pode, então, o desporto ser assumido como desígnio redentor do Homem? O desporto não é, como alguns pretendem, apenas o reflexo da sociedade em que vivemos, nem pode, por si só, transformar a sociedade. Volto a JMC⁽²⁾ “O desporto e os seus universos participam, através de uma dinâmica original, na reprodução e na transformação da realidade social. Por um lado, são um instrumento no processo de actualização das relações de dominação existentes e no reforço das desigualdades

sociais, mas ao mesmo tempo, por força do seu poder simbólico, contribuem como lugar de inovação e de resistência aos modelos dominantes e aos poderes de controle.”

A competição é uma categoria central ao desporto. O aperfeiçoamento humano é, ainda, expressão significativa de uma prática social antropológica e culturalmente fundada. Mas podem os recordes no desporto, a valorização do rendimento humano, a “afirmação de modelos de tecnicidade cientificamente programada” (nas palavras de JMC) sobrepor-se às pessoas que o praticam? E a isto procura responder a pessoa que homenageamos⁽¹⁾ *“Se nos primórdios da revolução industrial o desporto era diversão, para posteriormente ser orientado para a afirmação de modelos de tecnicidade cientificamente programada, o desporto passou também progressivamente a ser uma prática aberta a todas as pessoas e idades e a todos os estados de condição física e sociocultural. Não é mais algo à disposição dos melhores, mas um direito de todos. A força cultural e social do desporto, a sua crescente importância perante povos e países de todo o mundo, é um contributo inestimável à sua divulgação e expansão. Constitui uma oportunidade perante a sociedade globalizada: o de se afirmar como um contributo às grandes causas sociais do desenvolvimento. Mas isso não é automático, nem está garantido que assim ocorra. Este é um desafio que respeita ao desporto em nome dos valores que tradicionalmente reivindica”.*

Tema recorrente na discussão sobre as manifestações contemporâneas do desporto é a sua crescente comercialização, acompanhando a globalização. Tópico, também, central às reflexões de JMC, que defende que a organização do desporto está cada vez mais nas mãos dos gestores dos negócios, escapando ao controlo das autoridades desportivas. E precisa⁽¹⁾ *“Por muito que custe aos ideólogos do neoliberalismo desportivo, que veem progresso em tudo quanto acentue a mercantilização do desporto, esta lógica do dinheiro e do lucro, porque é disso que se trata, acentuará o fosso entre clubes e modalidades desportivas (...) O papel das federações desportivas internacionais, enquanto instâncias reguladoras, está progressivamente diminuído perante um pequeno e poderoso grupo de empresas que equipam, que comercializam, que patrocinam ou que difundem o desporto. E que patrocinam os donos dos espetáculos desportivos, as próprias organizações desportivas”.* E, nas suas

considerações, não se limita a constatar esta realidade. Vai mais longe, não se eximindo a uma crítica às organizações que tutelam o desporto a nível mundial. É, pois, a partir de dentro do desporto e por alguém com elevadas responsabilidades que é dirigido este olhar muito crítico ao desporto:⁽¹⁾ *“A afirmação e a mundialização do desporto através do olimpismo têm sido feitas à custa do sacrifício de alguns dos elementos estruturantes da própria ideia e conceito de desporto e de olimpismo. E num contexto em que a sociedade globalizada é atravessada por dinâmicas que conflituam com a perspetiva humanista que o desporto em parte reivindica, é com um enorme ceticismo que se aprecia o modo como as autoridades olímpicas aproveitam a função do movimento olímpico. A transformação do desporto num novo segmento de atividade económica, a orientação do espetáculo desportivo submetido às leis do mercado, o aproveitamento do desporto como meio de afirmação política e ideológica, suscitaram um conjunto de fenómenos que não têm sido combatidos e afastados pelas autoridades olímpicas. A corrupção, a fraude, o mercantilismo dos atletas, a violência, a intolerância, a viciação de resultados, a falta de espírito desportivo, a dopagem, espreitam e cercam a festa olímpica”*.

Podia ter elaborado mais aprofundadamente sobre a pessoa que homenageamos - sobre a sua personalidade, sobre as múltiplas facetas de uma já vasta e significativa actividade - se tivesse tempo para tanto.

Fico-me, assim, pelo esboço de um perfil que é bem mais interessante e complexo do que poderia dar a conhecer no pouco tempo de que dispomos.

Todos quantos leram os seus livros e ensaios, escutaram as suas intervenções, ou acompanharam a sua ação far-lhe-ão a justiça de reconhecer:

- Um pensamento fundado no trabalho - no estudo, na reflexão e nas experiências diversificadas de muitos anos, beneficiando do contacto e da proximidade com grandes vultos do pensamento sobre o desporto em Portugal.

- Uma ação comprometida com princípios e valores civilizacionais e distanciada de imobilismos intelectuais. Como diz, num dos seus textos ⁽³⁾ *“Muitas vezes, o discurso sobre o desporto diz de si mesmo o que não é, e é o que diz não ser”*.

Nos cargos e funções públicas que tem exercido percebe-se um pensamento e uma doutrina em apoio de uma acção. Num país já tão cansado de pessoas que se perpetuam nos cargos ou saltam de lugar em lugar sem qualificações nem competências, sem decoro nem pudor, o Dr. José Manuel Constantino deve ser um exemplo para todos nós. Pelo pensamento esclarecido, pela capacidade de liderança, pela competência técnica, pela experiência acumulada de gestão. Aliando pensamento e acção. Não numa viagem errática, sem rumo nem destino; não num ímpeto voluntarista, de gastar os dinheiros públicos sem rigor, sem exigência, de fazer coisas por fazer, de erguer estádios, ginásios e piscinas. Hoje, quando tanto se fala em visão e em rigor na gestão da coisa pública, aqui temos um exemplo a seguir. E ao dizê-lo penso, em primeiro lugar, num país tão carenciado de elites com decência e com valores, e que não tem sabido aproveitar as competências de que vai dispondo em maior número e qualidade nos últimos anos.

No nosso país, sempre fomos muito críticos. Numa predisposição que não ilude alguma incapacidade de sermos mais actores do que espectadores e de protagonizar a mudança, num maior compromisso com o trabalho.

Mas, deve também dizer-se que nunca - ou quase nunca - nos foram dados motivos para não sermos críticos das políticas do desporto no país. Avulsas, sem critério - que não o de servir objectivos a reboque de interesses económicos ou das lógicas do desporto profissional -, à margem dos valores humanistas, culturais e educativos que o desporto reivindica, em descompasso com o futuro.

Como poderia ser de outro modo, sem as pessoas certas, sem as pessoas que estudam e conhecem o desporto? O desporto, na política, tem sido um lugar de passagem. Um pretexto para ganhar visibilidade, um trampolim para outros voos, e não para servir o país, e não para mudar as coisas. Para pensar sobre o lugar que o desporto deve ocupar na vida dos cidadãos e nas políticas para isso.

Não devo, por isso, esquecer que o Dr. José Manuel Constantino não se limitou a expressar o seu pensamento num elevado número de intervenções, numa vasta bibliografia e textos que nos tem deixado. O exercício de um amplo leque de cargos públicos deu-lhe uma visão muito alargada sobre o desporto, que procurou pôr em prática nos cargos e organismos em que se ocupou do desporto nacional.

O país desportivo cresceu e está hoje mais desenvolvido. O Dr. José Manuel Constantino esteve na primeira linha dos avanços experimentados no nosso país nas políticas do desporto ao serviço dos cidadãos.

A sua experiência no exercício de funções na administração pública permitiu-lhe uma consciência muito aguda sobre o tipo de relação a estabelecer entre os poderes públicos e o movimento associativo, num momento em que voltou à agenda política a redefinição do papel social do Estado. Como disse no seu discurso de tomada de posse como Presidente do COP, a que já me referi anteriormente:

“A obsessão normativista que tem modelado o sistema desportivo nacional, a cultura administrativista e o clima sufocante de diplomas criou mecanismos de relacionamento entre o Estado e os entes privados e associativos que são financeiramente onerosos e que bloqueiam muita iniciativa”. (...) “Torna-se, portanto, cada vez mais premente que as políticas desportivas – quer as políticas públicas, quer as políticas associativas – descompliquem, reduzam disfuncionalidades, eliminem redundâncias, concentrem recursos nos processos críticos para o sucesso desportivo e evitem que estes se dispersem em tarefas laterais e burocráticas que não acrescentam valor”. (...) “Para isso, há que separar a gestão política e o controlo da legalidade, a cargo do Estado, da gestão, coordenação e supervisão, técnica e estratégica, da atividade desportiva, a cargo das entidades desportivas e do Comité Olímpico de Portugal. As organizações desportivas não são empresas e as políticas desportivas não podem ser prejudicadas por procedimentos contabilísticos de quem prefere “contas certinhas” do que resultados desportivos”.

A sua experiência e o seu saber têm sido disponibilizados à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, com a qual vem mantendo há muitos anos uma estreita e regular colaboração no ensino, na investigação e na definição de políticas, que muito tem contribuído para o reforço do prestígio desta escola dentro e fora do país.

Por isso, no momento em que se perfazem 40 anos sobre a integração da Faculdade na Universidade, num percurso em que a atenção às exigências da academia nunca conflituou com a forte consciência sobre a importância da abertura à sociedade,

parece-nos um ato de grande nobreza conceder ao Dr. José Manuel Constantino o título de *doutor honoris causa*.

Apadrinha este ato o Professor Jorge Bento. Figura maior desta escola, teve uma acção determinante na construção da sua identidade, na sua integração na universidade e na sua abertura à sociedade e ao mundo. No ano em que faz a sua jubilação, a Faculdade de Desporto presta-lhe uma merecida homenagem.

Muito obrigado pela atenção.